

AS CONSIDERAÇÕES DE NIETZSCHE SOBRE O SENTIDO HISTÓRICO NOS TEXTOS JUVENIS

José Nicolao Julião

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo: O objetivo deste estudo é o de esclarecer um dos termos axiais da reflexão de Nietzsche sobre a história, aquele do sentido histórico (*historische Sinn*) que aparece em sua obra desde os seus primeiros escritos até os últimos, não como uma definição do que ele seja, mas como uma designação relativa que o filósofo usa em suas análises de determinada cultura, época, ideia, situação e acontecimento, estando a serviço da sua noção de uma história criativa. Contudo, neste estudo, nós nos teremos apenas na análise do uso que Nietzsche faz do termo na primeira fase do seu processo de desenvolvimento intelectual.

Palavras-chave: Nietzsche, história criativa, sentido histórico, cultura.

Abstract: The objective of this study is to clarify one of the axial terms of Nietzsche's reflection on history, that of the historical sense (*historische Sinn*) that appears in his work from his first writings to the last, not as a definition of what he is, but as a relative designation that the philosopher uses for his analysis of a particular culture, time, idea, situation and event, serving his idea of a creative history. However, in this study, we will have only an analysis of Nietzsche's use of the term only the first phase of his intellectual development process.

Keywords: Nietzsche, creative history, historical sense, culture.

Introdução

O nosso interesse pelo tema do sentido histórico (*historische Sinn*) em Nietzsche se dá devido ao fato deste ser um dos mais antigos e o mais extenso em sua reflexão sobre a história - questão central da nossa abordagem -, aparecendo desde a fase de juventude, perpassando toda a obra do filósofo até os seus últimos escritos, englobando em sua extensão outros temas de grande relevância sob o domínio da história, como, por exemplo, a genealogia e o niilismo¹. Podemos afirmar, seguramente, que todo e qualquer tema histórico, em Nietzsche – depois da sua formulação – tem, em última instância, uma relação direta ou indireta com o sentido histórico, que não é propriamente um conceito, no sentido estrito, mas uma designação relativa adotada pelo pensador, à época da *Segunda Extemporânea* (*Ext. II*), para questionar a falta ou a

¹ Cf. JULIÃO (2018).

presença de sentido histórico, seja em uma reflexão, seja em um acontecimento ou em uma situação com consequências de utilidade ou desvantagem da história para vida. Portanto, em se tratando de uma designação relativa, o sentido histórico não tem uma única definição, ele é relativo à inserção do texto e contexto da análise de Nietzsche, sofrendo alterações ao longo da sua obra. Por ora, nós nos deteremos apenas no uso que o filósofo faz do termo em sua primeira fase.

A primeira vez em que Nietzsche se referiu à matéria foi no sumário de um esboço, do espólio do inverno de 1870-71 e do outono de 1872², que se refere ao sentido histórico em sua época, na seguinte formulação: “II. O sentido ‘histórico’ do presente” (Cf. *KSA* VII 8[82]). Posteriormente, aparece numa anotação do verão-outono de 1873, se referindo ao sentido histórico alemão de Lutero a Wagner, passando, por Goethe, os soldados alemães e Grimm:

O sentido histórico do alemão tornou-se evidente na tempestade de sentimentos com que Goethe pensou em Erwin von Steinbach: em Fausto, em Ring des Nibelungen de Wagner, em Lutero, nos Soldados alemães, em Grimm. Um sentimento através e um prenúncio, um rastro de traços quase apagados, uma leitura do palimpsesto, sim palimpsesto – muitos toques errados possíveis! (*KSA* VII, 29[136])

A expressão, contudo, ganhou protagonismo em a *Ext. II*, mesmo assim, com uma presença ainda tímida no texto. Contudo, nos possibilita esclarecer as ideias a partir das quais, Nietzsche, na primeira fase do seu desenvolvimento intelectual, critica, por um lado, tão radicalmente o historicismo, devido à sua falta de sentido histórico e, por outro, nutre-se do seu conteúdo para elaborar uma filosofia histórica (*historische Philosophie*)³ que seja capaz de dar sentido à vida e conseqüentemente à história. Essa filosofia histórica deve, portanto, ser desprovida das noções de progresso (*Fortschritt*) e desfecho teleológico, muito comum em teorias modernas tradicionais. O tema crítico oculto desses escritos do jovem Nietzsche é a historicidade do homem, expressa tanto como diagnóstico de que há um estado de degenerescência vital da humanidade, revelado em seu processo histórico, comprometendo substancialmente a destinação humana quanto uma suspeita sobre fecundidade objetiva do método histórico que tem a pretensão de resgatar as verdades dos

² Provavelmente, para uma de suas *Extemporâneas*, entretanto, com tópicos semelhantes aos tratados em *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino* (1872).

³ Cf. *HH I*, 1.

fatos passados; reservando também um caráter positivo à história que passa a ser um campo imprescindível para o filosofar, o que pode ser constatado, principalmente, na última seção da *Ext. II*, 10, assim como em alguns póstumos da época, como por ex., *KS A VIII*, 7 [6]⁴, e que se consagrará com mais ênfases, anos depois, em *HH I*, 1, *GM II*, 13 e *KS A XI*, 38 [14]. Nesses escritos, evidencia-se que a filosofia só é reconhecida como possível sob o domínio histórico, pois, caso contrário, ela perde a sua dinâmica, se torna definível e consequentemente dogmática. Podemos afirmar, com isso, que Nietzsche é um pensador que se utiliza da história, não obstante, sem abuso, para fazer filosofia, ou melhor, filosofia histórica. Ele rejeita usar, todavia, os termos Filosofia da História (*die Geschichtsphilosophie*) e História Universal (*Weltgeschichtliche*) tal como já havia rejeitado também Burckhardt nas primeiras linhas de suas *Weltgeschichtliche Betrachtungen*.⁵

O interesse do filósofo pela história vem desde o período do *Gymnasium* em Schulpforta⁶ e depois se acentuará quando for aluno de Filologia Clássica nas Universidades de Bonn e Leipzig, em decorrência da formação do sistema educacional dos estabelecimentos de ensino alemães de sua época, fortemente marcados pelo rigor dos métodos filológico e historiográfico que ele suspeita em parte e se utiliza por fim, como instrumento de uma nova hermenêutica que favorece a filosofia da vida e, consequentemente, cria sentido histórico. Percebemos, portanto, ao investigar o espólio mais remoto da obra de Nietzsche, que aponta para o período de sua formação, tanto no *Gymnasium* em Schulpforta quanto acadêmica nas universidades de Bonn e Leipzig, que o seu anseio por uma história criativa antecede à elaboração das obras juvenis mais impactantes, por exemplo, podem ser constatadas em seu mais antigo projeto historiográfico, ainda como

⁴ Trata-se de anotações para uma quinta extemporânea sobre a Filologia, na qual Nietzsche revela a fecundidade do método histórico fundamentando toda educação superior. "(...) todo o ensino superior deve ser histórico."

⁵ Embora a primeira edição dessa obra seja de 1905, se trata das *Vorlesungen* de 1870-1871, ministradas em Basel e que Nietzsche havia assistido. Segundo o historiador: "Nós nos abstrairmos de toda sistemática; não reivindicamos nenhuma 'ideia de história universal', mas nos contentaremos em registrar nossas percepções e realizar uma série de cortes transversais ao longo da história na maior quantidade possível de direções; nós não oferecemos aqui nenhuma filosofia da história (*Geschichtsphilosophie*). Esta é um centauro, uma *contradictio in adjecto*, pois a história que coordena é a negação da filosofia, enquanto a filosofia que subordina é a negação da história."

⁶ Além de Nietzsche e outros famosos como o poeta Klopstock, o filósofo Fichte e o historiador Ranke estudaram em Schulpforta. Fundada em 1543, em Sachsen, após as Guerras Napoleônicas (1803-1815), passou para o auspício prussiano, se beneficiando das medidas implementadas por Friedrich II, O Grande, durante o seu reinado de 1740 e 1787, que introduziu o grego e o latim no ensino do *Gymnasium*, propiciando, dessa forma, uma forte formação em Filologia e Gramática e consequentemente em História das civilizações clássicas.

estudante em Schulpforta, que cobria a saga do rei Ostrogodo do século IV, Ermanarich⁷. Nesse projeto, Nietzsche defende que a sua história havia sido manipulada pelos historiadores⁸, que tentaram associá-lo às características notoriamente cruéis de Átila, O Huno. Para Nietzsche, conseqüentemente, quem Ermanarich realmente foi provavelmente seja irrecuperável, devido às circunstâncias das evidências históricas existentes. Por isso, ele ensaiou, de forma livre e criativa, em várias expressões, desenhar um retrato de caráter especulativo de Ermanarich⁹, a fim de preencher as peças que faltavam à historiografia. Ele escreveu, assim, em 1861, um poema dramático intitulado *Ermanarich, Ostrogothenkönig – Eine historische Skizze* (KSB 1, 290-299); no ano seguinte, apresentou “*Três esquetes (Sketches) húngaras*”; no outono do mesmo ano, esboçou a composição de uma produção dramática intitulada “*Ermanarich*” (KSB 2, 144-54); e mais tarde, no verão de 1865, chegou a considerar a possibilidade de se montar uma ópera *Ermanarich* (KSB 3, 123-4). Em decorrência disso, a concepção nietzschiana de história como (re)criação artística do passado, geralmente atribuída à influência da tese peculiar do *Nascimento da tragédia (NT)* - que exalta o caráter criativo e ilusório da arte em oposição à metafísica racional socrática -, na verdade é mais antiga, antecedendo-a, sendo esta um desdobramento daquela.

Com isso, queremos enfatizar que a ideia de história criativa não depende necessariamente da crítica à metafísica racional, embora com esta, ela se fundamente de forma mais rigorosa, pois, sendo a historiografia – enquanto

⁷ Cf. *KGW* I / 2, 274-284.

⁸ Dois historiadores do final do império romano relataram a morte de Ermanarich: o turco Amiano Marcelino (sec. IV) e o historiador gótico-bizantino Jordanes (sec. VI). Amiano de forma sucinta, no livro 31 de sua *Res Gestae* – traduzido por: *Os Feitos ou História* -, relata que ele cometeu suicídio em face da derrota contra os hunos. Cf. Amiano Marcelino. *História*. Edición y traducción de M^a Luisa Harto Trujillo, Akal-Clásica, Madrid, 2002, livro 31. De acordo com Jordanes, em sua obra *Das Origens e Feitos dos Getas (De origine actibusque Getarum)* que mistura fatos com mitos, Ermanarich executou sua esposa Rosomary Sunilda, por vingança, devido ela lhe ter abandonado, o que fez com que seus irmãos, Sarus e Ammius, lhe ferissem gravemente. Por causa deste ferimento, ele não foi capaz de lutar contra os hunos e morreu pouco depois com a idade de 110 anos. Sua descendente, Gotin Ildikó, mais tarde se tornou (453) a esposa de Átila, depois que os godos chegaram a um acordo. Conforme Jordanes, que se refere ao relato do historiador romano oriental Priskos, Átila morreu na noite de núpcias. Ildikó viveu com Átila sob o nome de Kriemhild ou Gudrun, diz a lenda. Cf. Jordanes. *Die Gotengeschichte*. Tradução e apresentação para o alemão por Lenelotte Möller. Wiesbaden: Marixverlag, 2012. p. 101-103.

⁹ Embora criativo, o resgate de Ermanarich proposto por Nietzsche, através da poesia e canções, não era propriamente uma novidade. Na poesia e canção heroica germânica, Ermanarich é uma figura importante. Especialmente no ciclo da saga do médio alemão *Dietrichepik* do século XIII e no *Thidrekssaga*, ele aparece no papel do adversário de Dietrich von Bern (Teodorico de Verona), ocupando o papel semelhante ao que o personagem Odoacro representava no mais antigo poema da língua alemã *Hildebrandslied*, que é do século IX.

reivindica objetividade científica dos fatos – um rebento tardio do racionalismo socrático, a história criativa como sua alternativa se elucida a partir de tal censura. E isto se deu, segundo a nossa hipótese interpretativa, em decorrência da formação do sistema educacional de ensino alemão de sua época, severamente marcado pelo rigor do método científico, filológico e historiográfico, que Nietzsche abraçou¹⁰ desde então. Isto somado aos estímulos criativo dos professores de Schulpforta, sobretudo, August Koberstein¹¹, e às disputas teóricas no âmbito da filologia na Universidade de Bonn, estendido à Universidade de Leipzig, entre os *Sprachphilologen* e os *Sachphilologen*, os descendentes do filólogo, fundador da filologia alemã, Friedrich August Wolf, a quem nosso filósofo designou como sendo o seu “grande predecessor” (*KS.A VII*, 7 [79]).¹² Portanto, a formação de Nietzsche se deu nesse duplo sentindo: por um lado marcado pelo rigor do cientificismo

¹⁰ A dose esmagadora da formação que Nietzsche recebeu dos métodos da historiografia veio da filologia. Mas, em lugar de uma única lição unitária, ele se viu imerso diretamente num debate sobre o significado do próprio campo durante a sua formação, tanto em Bonn quanto Leipzig. O uso do método filológico aplicado à historiografia já era corrente entre os historiadores alemães. Até a segunda metade do século XIX, a filologia clássica não se desvinculava da história antiga. Niebuhr, por ex., em sua *Römische Geschichte* (1811), aplica a Tito Lívio a mesma crítica que Wolf havia aplicado a Homero em sua *Prolegomena zu Homer* (1795). Assim como Wolf duvidou que o autor da *Iliada* fosse o mesmo da *Odisseia*, Niebuhr questiona a credibilidade das fontes de Tito Lívio sobre as origens de Roma. Em rigor, antes da chegada de Mommsen em Berlim, em 1859, não havia uma separação entre a filologia clássica e a história antiga. Cf. Bolter (2011).

¹¹ Foi um historiador e o mais venerável entre os professores de Nietzsche, em *Schulpforta*: ele abraçava as duas disciplinas, a filologia e a história, estimulando seus alunos. O testemunho de Karl von Gersdorff, amigo de escola de Nietzsche, recordaria mais tarde a forma estimuladora do mestre: “[Koberstein] estava altamente satisfeito e cheio de louvor pela erudição, perspicácia, elegância estilística e pelo caráter dedutivo dos seus alunos” (Cf. Janz (1993), B. I, p. 96).

¹² Friedrich August Wolf (1759-1824), autor da monumental obra em três volumes *Prolegomena ad Homerum* (1794-5), é habitualmente considerado o fundador da filologia alemã. Em seu método, Wolf pretendia corrigir os abusos cometidos, sobretudo, pelos filósofos e dramaturgos alemães de sua época, fortemente marcados por um retorno à Grécia antiga. Sob a égide de uma *Alterthumswissenschaft* (ciência da antiguidade) criou o primeiro conjunto sistemático do método filológico, tendo como aspiração alcançar o mesmo tipo de progresso concreto e rigoroso das ciências naturais, evidentemente, levando em conta a especificidade do seu objeto. Deste modo, questionou o amadorismo de certos saberes, em suas reflexões sobre o helenismo, procurando não exaltar os gregos, tal como faziam, mas estudá-los cientificamente *in punctu*, ou seja, pretendia atingir a objetividade científica dos fatos do mundo antigo grego através do que se convencionou chamar de método histórico-crítico. Wolf fez para a filologia o mesmo que Ranke fez para a historiografia em geral, ou seja, criou o seu primeiro conjunto sistemático de métodos e a sua primeira aspiração em alcançar o mesmo tipo de progresso concreto e rigoroso das ciências naturais. Os dois descendentes mais ilustres de Wolf são Gottfried Hermann e Agustin Boeckh – que também foi seguidor de Niebuhr – os dois fundaram dois grupos de estudos com metodologias antipodas: os *Sprachphilologen* e os *Sachphilologen* respectivamente. Cf. sobre a criação da filologia alemã por Wolf e a sua influência sobre Nietzsche: Bolter (2011), Riedel (2000b), Jensen (2013) e (2016).

acadêmico e, por outro, marcado pelo caráter criativo despertado pela arte - principalmente, pelo Romantismo.

1. O contexto crítico da *Segunda Extemporânea*

A atitude filosófica inicial de Nietzsche, a crítica da cultura se emoldura perfeitamente no quadro panorâmico das ricas discussões intelectuais da Alemanha de sua época: por um lado, marcado pelas interpretações progressistas e otimistas da *Aufklärung*¹³, representadas também pelos seguidores do idealismo alemão e pelo positivismo tanto científico¹⁴ quanto filosófico de orientação kantiana que reagem contra a filosofia especulativa de Hegel, mas que preservavam ainda uma concepção de consciência organizadora da realidade, direcionada teleológica e evolutivamente pela razão; por outro lado, marcado, em parte, pelo louvor do Romantismo aos sentimentos em detrimento da razão, pela nostalgia da Grécia antiga e pela filosofia de Schopenhauer, cujas críticas ao progresso, ao otimismo e ao idealismo da razão absoluta, somados ao seu menosprezo pela história¹⁵ em favor da ciência natural, da filosofia e da arte, numa espécie de contramovimento (*Gegenbewegung*), formou o ambiente cultural alemão da segunda metade do século XIX.

Nietzsche de forma autêntica, nesse contexto, moderadamente, em favor dos últimos e, parcialmente, em oposição aos primeiros, se insurge contra a ideia teleológica, otimista do progresso evolutivo da razão, herdeira caudal da metafísica racional socrática, denunciada por ele na obra inaugural e difundida, segundo a sua hipótese, na modernidade pela *Aufklärung*, mas sem cair no pessimismo schopenhaueriano. A história humana, de acordo com a narrativa nietzschiana, ao invés de marchar rumo a um evolutivo progresso para o melhor, tal como preconiza a racionalidade moderna, acaba por caminhar para um processo de degenerescência e enfermidade rumo ao nada. Hannah Arendt, tendo como base um fragmento tardio, ilustra com bastante propriedade a crítica de Nietzsche ao progresso da razão humana, que, neste

¹³ Duas observações: 1., que também Herder e o movimento do *Sturm und Drang* se posicionaram contra a *Aufklärung* e o racionalismo, exaltando os sentimentos como fonte de criação; 2., que Nietzsche critica a *Aufklärung*, mormente, nas obras de amadurecimento, mas, no período intermediário, há várias passagens elogiosas ao movimento, sobretudo, quando se refere a Voltaire, a quem a primeira edição de *HH I* foi dedicada por conta do centenário de morte. Inclusive, nesse período, Nietzsche usa da ilustração para combater o Romantismo alemão.

¹⁴ Pensamos aqui tanto no cientificismo das *Naturwissenschaften* quanto no das *Geisteswissenschaften*: neste último caso, com ênfase na filologia e na historiografia que, graças às medidas adotadas por Friedrich II, haviam se desvincilhado da tutela da teologia.

¹⁵ Cf. o capítulo 38 dos suplementos de *O mundo como vontade e representação*, "Sobre a História".

caso, serve também para reforçar e ilustrar a sua crítica de juventude ao historicismo: “Progresso (*Fortschritt*). Não devemos nos deixar enganar! O tempo caminha adiante; gostaríamos de acreditar que tudo que está nele caminhasse também para frente – que o desenvolvimento é o que se move para adiante. E quanto ao correlato do progresso, a ideia de humanidade, ele diz: a humanidade não avança; nem sequer existe”.¹⁶

Além dessa fecunda crítica ao humanismo historicista, há também uma severa crítica epistemológica à filologia e, de forma bem especial, à historiografia, focada, principalmente, na ineficácia metodológica destes saberes que pretendem erguer - em suas limitadas teorias – uma verdade sobre o passado, seguindo o modelo das ciências naturais. Na época de Nietzsche, já se desenvolvia uma cultura histórica orgulhosa de seu caráter científico¹⁷, que havia sido elevada ao estatuto de ciência nas primeiras décadas do século XIX. A historiografia pretendia alcançar a positividade objetiva através da inteligibilidade dos fatos, excluindo de sua fundamentação tanto a metafísica quanto as contingências e vicissitudes que impedem o rigor e a objetividade científica. Leopold von Ranke, compatriota de Nietzsche, da Turíngia, que frequentou a mesma escola e a quem o filósofo via com desprezo e ironia¹⁸, impôs um paradigma à história que merecidamente é nomeado de “paradigma rankiano” pelo *métier* historiográfico. Esse paradigma prescreve, de forma mais geral, que se narrem os fatos tal como eles ocorreram efetivamente (*wie es geworden war*)¹⁹, com isso, Ranke defende uma exposição neutra dos acontecimentos, o que é profundamente problemático. Segundo o historiador Peter Burke²⁰, as características principais desse paradigma são: 1º a história diz respeito essencialmente à política; 2º é essencialmente uma narrativa de acontecimentos; 3º tem uma “visão de cima”, no sentido de estar concentrada nos feitos dos grandes homens; 4º é fundamentada em documentos; 5º deveria perguntar mais sobre as motivações individuais do que sobre os movimentos coletivos, tendências e acontecimentos; 6º a história é objetiva, entendendo-se, por isso, a consideração do transcurso de eventos como algo externo para o historiador, suscetível de ser conhecido como objeto que se põe diante do microscópio, almejando uma neutralidade. Essa forma “positivista” de se fazer

¹⁶ Cf. ARENDT (1992, p. 306). A fonte de Hannah Arendt é o parágrafo 90 da compilação *A vontade de poder*, que corresponde ao (KSA XIII. 15 [8]).

¹⁷ A ciência histórica, na época de Nietzsche, não só ganhou estatuto científico, mas também prestígio político. Schnädelbach, em nota – cf. nota 1 –, chama atenção para o fato de Ranke ter sido chamado tanto a Berlim (por Friedrich Wilhelm IV) quanto à Baviera (por Maximiliano II) para dar-lhes assessoria política. Cf. SCHNÄDELBACH (1991), p. 48.

¹⁸ Cf. *EH*, “Por que sou tão sábio”, 9; e o parágrafo 6 da *Ext. II*.

¹⁹ Cf. RANKE (1942, cap. 16).

²⁰ Cf. BURKE (1992, p. 10 e ss.).

história – tendo as ciências da natureza como modelo – teve, em geral, expressiva aceitação no meio acadêmico e cultural germânico das primeiras décadas do sec. XIX, especialmente, no seio do movimento que se convencionou chamar, sem querer relativizar posições distintas, de “Escola Histórica.”²¹

2. Sobre a *Segunda Extemporânea*

O ensaio *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para vida* apareceu ao grande público em fevereiro de 1874, como a segunda parte de uma ambiciosa obra intitulada *Considerações extemporâneas*, cuja primeira parte, *David Strauss, o devoto e o escritor*, publicada no ano anterior, havia feito grande sucesso de vendagem, exigindo uma segunda edição no mesmo ano de sua publicação. A mesma audiência, contudo, não alcançou de imediato a segunda das *Extemporâneas*, retumbando sobre ela um sonoro silêncio²², para depois se tornar uma das mais conhecidas obras de seu autor e talvez uma das mais influentes no âmbito das Ciências Humanas. Herbert Schnädelbach a considera como o primeiro documento crítico ao Historicismo alemão²³; Karl Schlechta diz o seguinte sobre o tratado: “Nele, o ‘Historicismo’ toma consciência dele mesmo de forma assustadora (*erschreckende*): o diagnóstico do autor foi tão sombrio (*so düster*) que foi necessário familiarizar-se com o estado de risco doentio”²⁴. O filólogo Karl Reinhardt considerou que: o Historicismo foi tão depreciado, que fica difícil que se possa achar ainda algo a dizer contra ele²⁵. Fora o impacto crítico ou devido a ele, há também o destaque que o ensaio ganhou na recepção da filosofia de Nietzsche, em obras já consagradas como, por exemplo, nos livros de Karl Jaspers e Walter Kaufmann. Além dessas, podemos adicionar ainda à lista, entre aqueles que reconhecem o valor da *segunda Extemporânea* e já se tornaram consagrados nos estudos nietzschianos, Müller-Lauter e Michel Foucault. Também é motivo de muita

²¹ Sabemos que a Escola Histórica alemã não se reduz à figura de Ranke; que, inclusive, havia disputas entre os seus discípulos e a Escola Histórica Prussiana, aqueles que escreviam no *Historische Zeitschrift*. Cf. sobre a disputa entre Ranke e seus seguidores de um lado e a Escola Histórica Prussiana, do outro, Iggers (1983) e Southard (1995).

²² Karl Hillebrand, ex-secretário de Heine, a quem Nietzsche cita em *EH* (Cf. *EH*. As *Extemporâneas*, 1), devido à sua resenha favorável à *Extemporânea I*, publicada no *Allgemeine Zeitung Augsburg*, número 256-266, setembro de 1873, p. 256-266, publicou, depois, comentários às três primeiras *Extemporâneas*, na coletânea *Zeiten, Völker und Menschen*. Strassburg, 1892, mas escrito em 1874-5. Nada indica que Nietzsche tenha conhecido o teor dos comentários à segunda e à terceira de suas *Extemporâneas*.

²³ Cf. SCHNÄDELBACH (1991, p. 81).

²⁴ Cf. SCHLECHTA (1959, p. 44). “*Nietzsches Verhältnis zur Historie*”.

²⁵ Cf. REINHARDT (1948, p. 432).

repercussão o seminário ministrado por Heidegger, no semestre de inverno de 1938-39, dedicado ao tratado - publicado no volume 46 da edição crítica: *Zur Auslegung von Nietzsches II. Unzeitgemässer Betrachtung*. In: *Martin Heidegger Gesamtausgabe* (HG. 46), Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2005. Há ainda inúmeros ensaios, artigos e capítulos de livros dedicados ao tratado nietzschiano, além de um recém-estudo editado pela *Routledge*, em 2016, intitulado *An Interpretation of Nietzsche's On the Uses and Disadvantage of History for Life*, de Anthony K. Jensen. Isso tudo nos dá uma visibilidade da dimensão projetada e de fecundidade da *Segunda Extemporânea*.

Sobre o título do ensaio, pouco peso lhe foi atribuído, uma vez que o próprio Nietzsche, não satisfeito, quis mudá-lo; talvez para “Nós historiadores: sobre a doença histórica da alma moderna”²⁶ – tal como apareceu, em 1887, em um anúncio publicitário na época da publicação da *GM*, inclusive, bastante condizente com o sarcasmo com o qual ele, remissivamente, se refere ao texto em *EH*, onde assevera que “a essência do trabalho é uma crítica à doença histórica”. O escrito foi composto em três partes principais: as seções 1-9 foram escritas primeiramente, depois foram intercaladas entre o prefácio e uma versão corrigida anterior a que foi publicada da seção 10, que não fazia parte do texto final que Nietzsche gostaria de publicar.²⁷ Publicada três anos após o *NT*, obra inaugural do pensador, que geralmente é tomada como o paradigma da primeira fase do seu processo de desenvolvimento filosófico, na qual, o filósofo se posicionou de maneira radicalmente crítica em relação à fecundidade criativa do que então chamou de racionalismo socrático, ou metafísica racional, caracterizado pela convicção otimista na capacidade da razão alcançar um conhecimento objetivo que consolaria o ser humano da sua condição de finitude e mudança; e apresentou também – por influências de Schopenhauer, Wagner e do Romantismo - como alternativa uma “metafísica de artista”, que valoriza os efeitos ilusórios e criativos da arte como forma superior de compreensão do mundo. Na *Segunda Extemporânea* ressoa, por assim dizer, essa crítica ao racionalismo socrático no tratamento, caudal, científico da história como um rebento moderno da racionalização humana. Portanto, o diagnóstico de que os males da cultura se devem à hipertrofia do sentido histórico apresentado nessa *Extemporânea* parece depender da tese peculiar do *NT*, segundo a qual, haveria na modernidade uma hipertrofia dos impulsos cognitivos que impossibilita uma cultura realmente autêntica e

²⁶ “*Wir Historiker. Zur Krankheitsgeschichte der modernen Seele*”. Cf. *KGW*VI/2, 431.

²⁷ Cf. sobre a composição da *Ext. II*, A. Jensen (2016, p. 27-29). Jensen reproduz em *fac-similes* alguns desses textos, que Nietzsche enviou ao editor, bem como exemplos de mudanças significativas feitas nas provas (27-9). Estes parecem ter sido ignorados, fazendo da versão final da *Ext. II* uma espécie de penúltimo rascunho, o que muito contribuiu para sua obscuridade textual.

elevada, compreendida, em termos românticos, como uma unidade de estilo. Para Nietzsche, os interesses teóricos predominaram sobre quaisquer outros interesses, produzindo, deste modo, um desequilíbrio vital – “a mera instrução predomina sobre a atividade (*die Tätigkeit*)”²⁸. É por isso, que ele, em oposição, apresentou como superior o caráter criativo e ilusório da arte, exemplificando tal superioridade com o drama wagneriano que seria, segundo ele, o renascimento (*Wiedergeburt*) da tragédia, tal como sugere o *NT*. Logo, é no sentido de dar caráter criativo à história como recriação artística do passado em alternativa à tendência teórica racionalista – predominante na cultura europeia moderna e que impõe um método científico, reduzindo, assim, a história ao fato objetivo – que Nietzsche propõe uma escrita filosófica da história que valorize, em certa medida, o esquecimento como um impulso criador ahistórico (*Unhistorische*), o que seria vital para a recriação artística do passado. Na *Segunda Extemporânea*, esse impulso criador do passado se identifica com a ideia de força plástica (*die plastische Kraft*).

Como pode ser constatado, portanto, embora as teses de o *NT* se estendam por toda a primeira fase da produção intelectual de Nietzsche, ao se investigar o seu espólio mais antigo, percebemos que o seu interesse pela fecundidade criativa da história antecede à elaboração da obra inaugural, inclusive incidido sobre ela, ganhando um caráter mais epistêmico na elaboração da *Segunda Extemporânea*.

3. O sentido histórico na *Segunda Extemporânea*

Tendo como base a formação de Nietzsche, o vemos, em sua *Segunda Extemporânea*, acentuar certa crítica bastante contundente à história da cultura racional e, por conseguinte, ao rebento da historiografia em sua época, metodologicamente memorialista e factual que, segundo ele, elimina a atividade criadora, confinando o homem em um passado irrecuperável, impedindo-o tanto de um presente ativamente autêntico quanto, conseqüentemente, privando-o de um futuro promissor; e é nisto justamente que reside o caráter extemporâneo (*unzeitgmässe*) do ensaio, contra o seu tempo, em nome de um tempo vindouro. Evidentemente que está presente nesse escrito, assim como já estava presente anteriormente, principalmente nas conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* (1872), e, de certo modo, na primeira *Extemporânea* (1873), um repúdio à cultura ocidental, na qual os interesses teóricos predominam sobre quaisquer outros – tese peculiar de o *NT* –; mas, muito em especial, à cultura alemã oitocentista, fundamentada numa forma de

²⁸ Lembrando a carta de Goethe a Schiller, citada na abertura da primeira parte da *Ext. II*.

instrução científica, da qual a história e a filologia não escaparam da influência. Por isso, segundo Nietzsche, essa forma historiográfica é meramente instrutiva, enciclopédica e nostálgica²⁹, com objetivos planejadores ou niveladores que não levam em conta a ação presente e que, devido a isso, arrefecem a fecundidade da vida, gerando um desequilíbrio vital, não contribuindo, em nada, para a formação de indivíduos elevados, tal como anota em um póstumo dessa época: “O impulso do conhecimento histórico – (...) é puramente luxurioso, por meio do qual a cultura presente não se tornará nada elevada” (*KSA VII*. 19 [150]). Com o ensaio da *Segunda Extemporânea*, a crítica à “cultura histórica”³⁰ se acentuará, revelando o seu caráter doentio, diagnosticado pelo filósofo:

Estas considerações são também extemporâneas, porque nelas eu contemplo a cultura histórica, que tanto se orgulha em nosso tempo, como dano, enfermidade e deficiência. Todos nós sofremos de febre histórica ou ao menos devemos reconhecer que temos sofrido dela”. (*Ext. II*, 246).

A interpretação da história a partir de um diagnóstico de enfermidade, fraqueza ou deficiência é o ponto central dessa *Extemporânea*; e, para recuperar a saúde, Nietzsche, “médico da cultura”³¹, prescreve que se diminua o contato com a formação histórica, quer dizer, com o memorialismo, o que seria saudável e vantajoso para a vida. Portanto, “a vida” passa a ser o critério – pelo menos nesse período –, a partir do qual se distingue o estado de enfermidade do de saúde. Em suma, o que está em questão é o valor (a utilidade) ou o não valor (a desvantagem) da história para a vida; trata-se, portanto, de uma investigação acerca do significado do sentido histórico. Se ele tem valor para a vida, ela se eleva, se torna pujante e ativa; se não tem, é mero discurso narrativo retórico, vazio e desprovido de sentido, ele se esmorece.³² E

²⁹ Cf. sobre a educação alemã no séc. XIX os livros de: Jensen (2013). *Nietzsche's Philosophy of History*; Fritz Ringer (2000). *O Declínio dos Mandarins Alemães*. Embora o último estudo se concentre mais no período que vai de 1890 a 1933, o autor faz, contudo, uma análise que remonta às origens da classe média instruída alemã desde 1700.

³⁰ *Die Bildung* deve ser compreendida aqui em dupla acepção como cultura e formação.

³¹ Cf. *KSA VII*, 23 [15]; *KSA VII*, 30 [7]. Nietzsche também usa a variante médico filosófico, cf. *GC*, prólogo 2. Em *Zarathustra*, ele apresenta metaforicamente o papel do médico como aquele que ajuda a dar unidade a um povo, a uma cultura. “Médico, ajuda a ti próprio: assim ajudarás também teu doente. E que seja essa a tua melhor ajuda, que ele veja com seus olhos aquele que cura a si próprio (...) Vós, solitários de hoje, vós, que viveis à parte, deveis um dia formar um povo: de vós, que escolhesteis a vós mesmos, deverá nascer um povo eleito: – e dele o super-homem”. (*ZAI*, “Da virtude dadivosa”, 2).

³² A questão sobre o valor da história já havia sido colocada tanto por Schiller, em sua aula inaugural em Jena, em 1789, *O que significa e com que fim se estuda a história universal*, quanto por Schopenhauer,

isso pode ser constatado de imediato – tal como já mencionamos – nas primeiras linhas do prefácio do ensaio, com a alusão feita à carta de Goethe para Schiller, de 19 de dezembro de 1798³³, na qual censura todo conhecimento que não estimule à ação: “De resto, me é abominável tudo o que simplesmente me instrui sem aumentar ou imediatamente vigorar a minha atividade” (*Ext. II*, prefácio). Na avaliação fisiológica de Nietzsche, isso se torna uma questão de força, crescimento, saúde e esplendor, fundamentais para as pretensões de se erguer uma cultura elevada e conseqüentemente de indivíduos elevados.

Na *Segunda Extemporânea*, portanto, a crítica ao historicismo aplica-se à constatação de um diagnóstico de degenerescência do sentido histórico, ou seja, à hipertrofia da virtude histórica, pois, para o seu autor, embora seja verdadeiro que o homem precisa da história para viver, que ela se constitui como uma questão seminalmente útil para a força de uma cultura, não é menos verdadeiro que o seu excesso acabe arrefecendo todo programa vital, comprometendo profundamente a destinação humana. Para Nietzsche, conseqüentemente, o cultivo do conhecimento histórico moderno, fundamentado numa metodologia racional e memorialista, com a pretensa vontade de tudo saber e compreender objetivamente, buscando equivocadamente a origem de todas as coisas, cria uma insônia cognitiva perniciososa à boa disposição da vida humana, pois não reconhece o esquecimento como um poder ativo da mente. Deste modo, o excesso de memória despendido pela história comprometem dois elementos importantes para uma existência sadia e promissora de um indivíduo, de um povo, de uma cultura: o primeiro seria o ahistórico, a capacidade humana ativa de esquecer e até mesmo de desconhecer que é importante para o impulso criativo; o segundo seria o supra-histórico (*Überhistorische*), a atuação das paixões, ideais, metas que motivam a ação empreendedora humana, que se revelaria como não sendo nada mais do que uma ilusão, se contrastadas com uma compreensão objetiva-científica da temporalidade histórica. Nietzsche trata da relação entre histórico, ahistórico e supra-histórico ao longo da primeira seção do ensaio e os retoma na última seção, a 10. Todos os três termos juntos expressam a relação de equilíbrio entre a lembrança e o esquecimento que, segundo o nosso filósofo, é necessária para a saúde de um indivíduo, de um povo, de uma

no parágrafo 38 dos suplementos ao *MVR*. Entretanto, ambos respondiam distintamente à questão, tanto entre eles quanto em relação a Nietzsche.

³³ Este vitalismo de Goethe continuará persistido ao longo da obra nietzschiana de forma positiva. Em *O Anticristo*, no § 11, Nietzsche o toma emprestado, lançando-o em oposição alternativa ao formalismo do dever kantiano, sugerindo, assim, que, em Goethe, teríamos uma afirmação da vida, e não uma negação como a ética de Kant parece sugerir.

cultura. Ele não define claramente nenhum desses termos na seção 1, e, no caso do supra-histórico, suas caracterizações são altamente ambíguas e parte disto se explica pela forma desconstruída com que o ensaio foi elaborado e editado. Nos rascunhos iniciais, Nietzsche arquitetou uma divisão entre “histórico-ahistórico”³⁴; o par conceitual só se tornou uma tríade, incluindo o supra-histórico, algumas páginas depois no caderno de anotação, o que pode representar uma questão de dias ou de semanas³⁵. Uma vez que essa tríade é seguida imediatamente, no texto, por outra apresentada por Nietzsche, aquela das histórias monumental-antiquária-crítica, é sugestivo que o supra-histórico possa ter sido oferecido muito mais por uma questão de simetria do que por razões filosóficas³⁶. No entanto, na seção 10 - inserida por Nietzsche ao ensaio no último momento antes da publicação, - há um parágrafo esclarecedor sobre o que esses três termos significam:

Com a palavra “ahistórico”, designo a arte e a força de poder esquecer e de se encerrar em um horizonte limitado; denomino “supra-histórico” os poderes que desviam o olhar do devir e o dirigem para o que concede à existência o caráter do eterno e do estável, em sua significação para a *arte* e a *religião*. A *ciência* – pois é ela que falaria de venenos – vê nesta força, nestes poderes, forças e poderes opostos; pois ela só toma por verdadeira e correta, isto é, científica, a consideração das coisas que vê por toda parte algo que veio a ser, algo histórico, e nunca vê um ente, algo eterno... (*Ext. II, 10*).

Segundo Nietzsche, a mentalidade moderna que vê no cultivo memorialista da cultura histórica sua virtude, não reconhece nem os excessos nocivos que ela produz nem o valor da força criativa do esquecimento, e, por isso, tem a irônica dificuldade de não reconhecer que essa sua alegada virtude é ela própria histórica, ou seja, não resulta de uma necessidade fora das contingências comuns à história humana. O filósofo também é reconhecido por seus intérpretes³⁷ como representando o momento, na história do pensamento ocidental, em que o historicismo se volta contra si mesmo, apresentando-se como instrumento importante para a tarefa de denúncia e combate contra os excessos da cultura histórica, ou seja, que a própria história “... deve (*mus*) ser ela mesma conhecida uma vez mais historicamente; a

³⁴ KSA VII, 29 [90].

³⁵ KSA VII, 29 [157].

³⁶ Esta tese é apresentada por Jensen (2016), no segundo capítulo do seu livro.

³⁷ Cf., por exemplo, SCHLECHTA (1959 p. 44 e ss.).

história deve (*mus*) resolver o próprio problema da história, o saber deve (*mus*) voltar o seu ferrão contra si mesmo – este tríplice dever (*Mus*) é o imperativo do espírito moderno...” (*Ext. II*, 8). O processo, pelo qual o conhecimento histórico veio a se tornar tão importante para essa mentalidade moderna, é ele mesmo histórico e, deste modo, pode e deve ser explicado pelas condições históricas que o promoveram como procedimento para a sua moderação ou superação: o europeu moderno é o “homem mistura” de todas as raças e instintos dos povos que constituíram a Europa moderna. Ao rumor dessas muitas vozes que o habitam corresponde sua receptividade curiosa para os vários sentidos da história que o cultivo da cultura histórica lhe proporciona; ele próprio, porém, não é capaz de proporcionar a si mesmo um “sentido histórico” que lhe seja autêntico, acreditando que o melhor a se fazer é produzir uma abordagem científica da história, buscando, com base na memória, todos os detalhes e minúcias sobre o passado, alegando imparcialidade subjetiva e, com isso, objetividade. São por esses motivos que o homem da cultura histórica não reconhece facilmente que o desconhecimento ou o esquecimento, que o elemento ahistórico promove, são necessários à vida feliz e ativa e que a vida não é imparcial e sim engajada, ou seja, empenhada de fatores internos e externos.

Nietzsche foi fascinado pela questão do valor que a história deveria ter para vida, mas advertiu também que o saber histórico desenvolvido, o qual deveria ser um sinal de civilização³⁸, um sinal de maturidade cultural, pois preservou certos aspectos da cultura clássica e reconheceu a importância da grande herança cultural do passado, seja mesmo necessariamente vantajoso, pois, segundo ele, o fascínio pelo passado levou a uma cultura estéril, sem criatividade³⁹. Embora os valores da história sejam também úteis ao homem,

³⁸ O jovem Nietzsche às vezes estabelece uma distinção entre *Cultur* e *Civilisation*, sobretudo, nos textos da época das *Extemporâneas* (tanto editados quanto póstumos), pois, em o *NT*, os termos se equivalem quando se referem à civilização grega arcaica: entretanto, como chama a atenção Patrick Wollting, onde há uma distinção – no caso, na época das *Extemporâneas* –, o primeiro “diz respeito ao domínio da vida intelectual e espiritual e o segundo remete às condições materiais e práticas que caracterizam a vida em sociedade”. Mais tarde, Nietzsche anula essa distinção, repensando completamente a relação a partir de uma reflexão sobre as ligações genealógicas entre a atividade fundamental da vontade de poder e os diversos tipos de cultura que ela produz: a *Civilisation* torna-se, assim, um caso particular da *Cultur*. Cf. WOLLTING (1995, p. 29).

³⁹ Talvez neste ponto, no que concerne ao uso criativo da história, Nietzsche tenha sido influenciado por Schiller, que é citado no parágrafo 6 da *Ext. II*; entretanto, a criatividade do poeta alemão não se manifestava tanto em suas análises historiográficas, mas, pelo contrário, essas tinham até certo rigor que, possivelmente, marcou o surgimento da ciência histórica no século seguinte na Alemanha. Porém, Schiller se utilizava da criatividade histórica em sua dramaturgia, na qual seus heróis estavam sempre envolvidos em rebeliões e conspirações, temas prediletos de suas abordagens históricas. Já Nietzsche, desde o tempo de Schulpforta – como vimos acima – pretendia com formas artísticas resgatar e até

neste primeiro momento da reflexão de Nietzsche, as desvantagens são bem maiores, principalmente, por três motivos: 1º, porque os historiadores agem e perseguem um fim; 2º, porque eles conservam e veneram o que foi; e 3º, porque têm necessidade de liberdade. A esses três motivos correspondem às três formas predominantes de se fazer história apresentadas nas três primeiras seções do ensaio, nomeadamente: antiquária, crítica e monumental. A primeira corresponde a um tipo de história conservador e venerador do passado, que se encontra obcecada pela verdade originária, entretanto, atribui valor demasiado às coisas insignificantes, comprometendo por demais a vida que passa a ser essencialmente recordação e comemoração. A segunda, a história crítica, procede de modo contrário, antes de tudo, abre-se para o presente e faz dele, anacronicamente, o padrão das coisas passadas, conduzindo a história ao tribunal do presente, ou seja, julgando e condenando o passado e, com isso, pretende romper a cadeia necessária que vem dele para o presente. Por último, a história monumental, que busca no passado modelos para ação futura, ou melhor, a exemplaridade do que foi e que ainda é grande, funcionando como impulso em direção ao futuro. Todavia, nenhum desses três modelos é totalmente censurado por Nietzsche que, aliás, como sugere o título do seu ensaio, vê em cada um suas vantagens e desvantagens. A história monumental é útil, segundo o filósofo, na medida em que inspira grandes ações por parte daqueles que ela se ocupa, ou seja: ela busca no passado modelos para ação futura, busca a exemplaridade do que foi e do que ainda é grandioso, funcionando como impulso em direção ao futuro. Entretanto, a esperança arrebatadora na recorrência de tempos melhores é muitas vezes acompanhada de uma disposição para aceitar qualquer ação ousada, o que acaba acarretando mais desvantagens do que vantagens à vida. As vantagens da história antiquária são duas: uma é psicológica, a retenção de histórias culturais que podem fornecer o tipo de orgulho que naturalmente dá unidade a uma comunidade; a outra, menos óbvia, é ontológica, pois ela é em si mesma um empreendimento criativo, carregado de valor que preserva o passado ontologicamente no próprio ato da representação. Todavia, as suas desvantagens são diversas, comprometendo drasticamente a atividade da vida, estando sempre ameaçada em declinar numa nostalgia apática diante da vida que a tudo consome. A história crítica, por sua vez, também presta serviços à vida, pois, em sua metodologia, quaisquer que sejam as normas criadas, a partir de uma tradição cristalizada de interpretação de algum aspecto do passado, podem ser contestadas a sua autoridade; e devido escolher lendas e histórias herdadas, o

mesmo reinventar a história, por ex., quando abordava a saga de Ermanarich, compondo poema, esquetes, drama e sugerindo até a composição de uma ópera.

historiador crítico acaba por procurar narrar um tipo de verdade factual que nem a história monumental nem a antiquária consideram em suas narrativas. Portanto, onde os outros tipos de historiadores constroem monumentos patrióticos e arquivos meticulosos, o historiador crítico aponta suas falhas para considerar todas as evidências disponíveis ou os seus saltos especulativos, devido a uma precisão que demole as narrativas construídas. Entretanto, suas desvantagens também são apontadas por Nietzsche, que lhe vê como um tipo de história perigosa, pois, ao aniquilar a tradição narrativa do passado, acaba por cortar raízes profundas, comprometendo o presente. Deste modo, segundo o nosso filósofo, é “porque somos o resultado de gerações anteriores, também somos o resultado de suas aberrações, paixões e erros, mesmo de seus crimes; não é possível se libertar totalmente desta cadeia”.⁴⁰ Muito embora Nietzsche reflita sobre esses três tipos de história, nenhum destes o satisfaz, nenhum deles se torna “objeto ou assunto” de seus estudos históricos posteriormente. Em vez disso, cada tipo de historiador ou história representa o passado de acordo com as regras de uma necessidade interna, exagerando ou ocultando certos aspectos do passado. Cada tipo de historiador e seu caminho concordante de representar o passado têm suas vantagens e desvantagens para si e para as culturas em que vivem, mas nenhum é capaz de representar o passado imparcialmente, uma vez que em cada um dos seus julgamentos se interferem seus desejos e interesses psicologicamente determinados, derrocando, desta maneira, toda a imparcialidade ambicionada.

Nessas três formas de se praticar história, o sentido histórico se manifesta efetivamente como uma necessidade para os homens, para a cultura e para o povo, e a sua objetividade decorre dessa sua útil eficácia. Com efeito, isto só se torna possível, na medida em que o olhar para o passado não seja impulsionado por forças e fins que não criem impedimentos para a ação no presente, nem levantem obstáculos à construção de um futuro autêntico, criativo e grandioso, que não seja mera repetição estéril do passado; pois se assim for, todo o programa vital se vê comprometido. Segundo Nietzsche, quando a vida se propõe a tarefas grandiosas, se revela, então, o interesse por audaciosos projetos do passado e, assim, na deliberada vontade de futuro, revela-se também o que há de futuro em todo passado. Portanto, se o programa vital, o projeto de vida para o futuro submerge, a acumulação do saber histórico torna-se um fardo, um perigo para a vida e, conseqüentemente, o homem aprende com a história apenas a inutilidade de todos esses projetos. A vida, por sua vez, vazia de impulsos criadores para um futuro grandioso e autêntico, se refugia na memória do passado e procura esquecer o seu próprio

⁴⁰ *Ext. II, 3.*

vazio na plenitude estranha da vida vivida. É por isso, segundo Nietzsche – tal como apresenta na abertura da primeira seção do ensaio –, que somos levados a crer que os animais vivem “quase sem lembrança”, imersos em um quase contínuo presente, de tal modo que o passado não lhes pesa como memória do que se extraviou no tempo ou como advertência de que cedo ou tarde tudo terá o mesmo curso; nisto parece residir à felicidade dos outros animais quando contrastada com a do humano e a sua memória vultosa. Os outros animais parecem ser capazes de viver “bem” sem mobilizar uma grande quantidade de lembranças. Já para o ser humano, porém, o devir acaba por avolumar sua memória com lembranças, tornando-a um peso complicador. Se a busca de uma felicidade é o grande motivador do existir humano, os animais, então, exemplificariam que há um caminho desde que renunciemos a alimentar a memória com lembranças que do início ao fim nos ensinam a sentença: “(...) a existência é apenas um ininterrupto ter sido, uma coisa que vive de se negar e de se consumir, de se autocontradizer” (*Ext. II, 1*); ou seja, não podemos cultivar nossa memória ao ponto de não mais sermos capazes de não querer e, até mesmo, de termos esquecer o trabalho inumano, impessoal do devir. Se quisermos encontrar a felicidade, precisamos, portanto, cultivar certa dose de esquecimento e até mesmo de desconhecimento. Esse é um princípio com o qual o jovem Nietzsche avalia o conhecimento da história; e, em sua própria formulação, afirma: “há um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, no qual o vivente se degrada e, por fim, sucumbe, seja ele um homem, um povo ou uma cultura” (*Ibidem, idem*). O conhecimento histórico, portanto, como expressão máxima do cultivo da memória humana, que busca a todo preço um sentido para o passado, nele querendo encontrar os traços de um destino para o ser humano, deve ser colocado em questão, isto é: até que ponto esse afã por não deixar, não querer esquecer, querer tudo lembrar e consequentemente tudo saber, é saudável à vida humana, tornando-a feliz e promissora? Até onde esse dotar de algum sentido edificante o que resulta do acaso, da banalidade das paixões, das injustiças humanas, da inumanidade e impessoalidade do devir contribui para uma vida mais gratificante, criativa e ativa?

Argumentando a respeito de como seria possível medir até que ponto é salutar lembrar e em que momento é vital esquecer, Nietzsche descreve a grandeza da “força plástica” (*plastische Kraft*) – um prenúncio do que depois se constituirá como vontade de poder e genealogia – de um homem, de um povo e de uma cultura, ele escreve:

(...) penso esta força crescendo singularmente a partir de si mesma, transformando e incorporando o que é estranho e passado, curando feridas,

restabelecendo o perdido, reconstituindo por si mesma as formas partidas. (*Ext. II*, 1)⁴¹

Capacidade de assimilação e resignação em relação ao passado como perda e alteridade, a força plástica habilita a memória a lembrar e a esquecer no tempo certo, sem sobrecarregar-se de lembranças, possibilitando, assim, a ação criativa. Para efeito de ilustração, um homem sobre o qual a força plástica atua não se perturba com as lições óbvias que o conhecimento histórico pode lhe ensinar a respeito da temeridade ou esterilidade da sua ação, tendo em conta a falibilidade e finitude de todo e qualquer empreendimento humano. A força plástica habilita homens, povos e culturas a esquecerem, assim como, até mesmo, a não reconhecerem aquilo que não se assimile ou promova a sua própria ação criadora. Contudo, para Nietzsche, esse homem, sobre o qual a força plástica atua “não existe mais.”⁴² O seu tipo exemplifica uma lei universal da boa condição humana, pois a força plástica instaura um “horizonte”, dentro do qual o ser humano se mantém saudável e atuante, assimilando do passado apenas o que lhe ativa, fortalecendo o presente e não extirpando o futuro⁴³: caso perca essa circunscrição, sua boa consciência e ação irão se arrefecer, congestionadas por conhecimentos que lhe levarão a fazer comparações que despertariam sua consciência para o quão banal e frágil é o seu agir e existir. Nietzsche ressalta essa “lei universal”, reforçando a argumentação de que não somente o esquecimento é necessário, mas, sem certo desconhecimento, o viver não se torna feliz e nem saudável, “o histórico e o ahistórico são na mesma medida necessários para a saúde de um indivíduo, de um povo e de uma cultura” (*Ext. II*, 1). Na seção 10 do tratado, Nietzsche

⁴¹ O termo também aparece mais duas vezes em a *Ext. II*, nas seções 4 e 10; já havia aparecido antes em dois fragmentos de 1871 e 1873: o primeiro exalta o cromatismo da música de Wagner, ainda inserido no contexto de o NT: “O cromatismo é necessário para desencadear a força plástica da harmonia.” *KSA VII*, 9 [149], já no segundo, trata-se de uma anotação no caderno preparatório à *Segunda Extemporânea*:

Animal Humano – Histórico Ahistórico.

Força plástica.

Fundamentação ahistórica.

Estado como um exemplo. (Esquecimento do passado e ilusão sobre o passado.)

A história, que serve à vida, está a serviço do ahistórico. (*KSA VII*, 29 [151]). [O grifo é nosso].

O termo ainda aparece depois em dois fragmentos da primavera e verão de 1883: *KSA X*, 7 [253]; *KSA X*, 8[15]. Posteriormente, na seção 4 do prólogo tardio à obra *HH* (1886), Nietzsche retomará o termo ‘força plástica’, relacionando-o com a grande saúde, noção de que o filósofo ainda não dispunha na época da *Segunda Extemporânea*, embora já falasse da necessidade de se recuperar a saúde perdida por causa da doença histórica. E, ainda como “força plástica restauradora (*wiederherstellenden*)” em um fragmento preparatório à *BM*, no outono de 1885, (*KSA XII*, 2 [81]).

⁴² *Ext. II*, 1.

⁴³ *Ext II*. 4.

ainda ressalta a necessidade de se reabilitar a força plástica que foi invadida por excesso de memória histórica e prescreve como antídoto para se curar da doença histórica e, por conseguinte, desamararrar o homem do passado, o ahistórico e o supra-histórico.⁴⁴ É por isso que, em a *GM*⁴⁵, anos mais tarde, Nietzsche lançará o esquecimento contra a memória, dizendo: o esquecimento não deve ser visto como uma inércia passiva que perde consciência de um evento, mas como “habilidade ativa de inibir” a memória consciente, capacidade “positiva em estrito senso” e “uma forma de saúde robusta”. Por quê? Um excesso de memória consciente nos confinaria a uma fixação do passado e, assim, retardaria a atividade criativa aberta em direção ao futuro. O benefício do esquecimento ativo é que ele permite a criação do novo e as funções mais nobres do governar. Além disso, não haveria felicidade, alegria, esperança, orgulho ou presente sem o esquecimento.

Referências

- NIETZSCHE, F. *Kritische Studienausgabe (KSA)*. In 15 B. Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari: Berlin/NY: dtv/de Gruyter, 1988.
- _____. *Nietzsches Werke Kritische Gesamtausgabe (KGW)*, B. IX. Herausgegeben von M-L. Haase. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 2001.
- _____. *Nietzsches Werke Kritische Gesamtausgabe (KGW)*, B. I/2. Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari. Berlin/New York, de Gruyter, 1967.
- _____. *Früheschriften (BAW)*. In 5 B. – Herausgegeben von Hans Joachim Mette. München: Verlag C.H. Beckmünchen, 1994.
- _____. *Sämtliche Briefe-Kritische Studienausgabe (KGB)*. In 7 B. dtv, Walter Gruyter: Berlin/NY: dtv/de Gruyter, 1986.
- ALEJANDRO, R. *Nietzsche and the Drama of Historiobiography*. Notre Dame University of Notre Dame Press, 2011.
- AMIANO, M. *Historia*. Edición y traducción de M^a Luisa Harto Trujillo, Akal-Clásica, Madrid, 2002.
- ARENDT, H. *A Vida do Espírito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

⁴⁴ *Ext II*, 10.

⁴⁵Cf. *GM I*, 2. Embora não haja remissão à segunda Extemporânea em a *GM*, podemos ver certa continuidade entre ambos os projetos, mesmo que, sob a determinação de paradigmas distintos, pois a obra de 1886 tem a doutrina da vontade de poder como pressuposto que Nietzsche não dispunha ainda no texto de juventude. Foucault (2012, p. 1024), por exemplo, reconhece uma ligação direta e importante entre ambos os textos; segundo ele: “... *la généalogie revient aux trois modalités de l’histoire que Nietzsche reconnaissait em 1874*”.

- BENNE, C. *Nietzsche und die historisch-kritische Philologie*. Berlin/NewYork: Walter de Gruyter, 2005.
- BINOCHE, B. & SOROSINA, A. (Org.). *Les historicités de Nietzsche. Col. La philosophie à l'oeuvre*. Paris: Les publications de la Sorbonne, 2016.
- BLONDEL, É. *Nietzsche, le corps et la culture: La philosophie comme généalogie philologique*. Paris: PUF, 1986.
- BOLTER, J. "Friedrich August Wolf and the Scientific Study of Antiquity". In: *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 21, 2011, p. 84-99.
- BROBJER, T. H. "Nietzsche's View of the Value of Historical Studies and Methods." In: *Journal of the History of Ideas* 65 (2), 2004, p. 301-322.
- _____. "Nachweise aus Müller, Lucian: Geschichte der klassischen Philologie in den Niederlanden und Jahn, Otto: Aus der Altertumswissenschaft". In: *Nietzsche-Studien* 34. Berlin: W. de Gruyter, 2005.
- _____. "Nietzsche's Relation to Historical Methods and Nineteenth-Century German Historiography." In: *History and Theory* 46, 2007, p. 155-179.
- _____. "'O autoapequenamento do homem' na modernidade?". In: *Labirintos da Alma: Festschrift aos 60 anos de Oswaldo Giacoia Jr.* Campinas: PHI, 2014.
- BURCKHARDT, J. *Weltgeschichtliche Betrachtungen*. Detmold-Hiddesen: Maximilian Verlag, 1947.
- BURKE, P. *A Escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.
- DENAT, C. "Nietzsche, pensador da história? Do problema do "sentido histórico" à exigência genealógica". In: MARTON, S. (Org.) *Nietzsche, um "francês" entre franceses*. São Paulo: Editora Barcarolla: Discurso Editorial, 2009, p. 135-165.
- DRIES, M. *Nietzsche on time and history*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2008.
- FOUCAULT, M. *Dits et Écrits* I et II. Paris: Gallimard, 2012.
- HEIDEGGER, M. *Zur Auslegung von Nietzsches II. Unzeitgemässer Betrachtung*. In: *Martin Heidegger Gesamtausgabe* (HG. 46), Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2005.
- IGGERS, G. *The German Conception of History: The National Tradition of Historical Thought from Herder to the Present*. Hanover: Wesleyan University Press, 1983.
- JANZ, P. C. *Friedrich Nietzsche*. In 3 B. München/Wien: Carl Hanser Verlag 1993.
- JASPERS, K. *Nietzsche, Einführung in das Verständnis seines Philosophierens*. Berlin: Walter de Gruyter, 1947.
- JENSEN, A. K. "Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philological Studies". In. *Nietzsche on time and history*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2008, p. 213-229.

- _____. Nietzsche's Philosophy of History. Cambridge: Cambridge University, 2013.
- _____. *An Interpretation of Nietzsche's On the Uses and Disadvantage of History for Life*. New York: Routledge, 2016.
- JORDANES. *Die Gotengeschichte*. Tradução e apresentação para o alemão por Lenelotte Möller. Wiesbaden: Marixverlag, 2012.
- JULIÃO, J. N. "Ensaio de introdução à filosofia da história". In: *Veritas*, Porto Alegre, v. 55, 2010, p. 236-250.
- _____. *Reflexões filosóficas sobre a história: Agostinho, Hegel e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.
- _____. "O sentido histórico nas fases intermediária e tardia do pensamento de Nietzsche". In: *Dissertatio* (UFPEL), v. 47, p. 42-67, 2018.
- KAUFMANN, W. *Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist*, New York: Vintage, 1968.
- KOFMAN, S. "Le/Les 'concepts' de Culture dans les Intempestives ou la double dissimulation". In *Nietzsche Aujourd'hui?* Tome II. Paris: Union Générale d'Édition, 1973.
- LÖWTH, K. "*Burckhardt und Nietzsche*". In *Sämtliche Schriften*, Band 7, Stuttgart: Metzlerschen Verlagsbuchhandlung, 1984.
- MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche, Seine Philosophie der Gegensätze und die Gegensätze seiner Philosophie*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1971.
- PERNET, M. "Risth als Kollege Nietzsche in Basel?...". In: *Nietzsche-Studien*, v. 44. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 2015, p.11-24.
- PORTER, J. *Nietzsche and the Philology of the Future*. Stanford/California: Stanford Univ. Press, 2000.
- RANKE, L. *Ausgewählte Aufsätze und Meisterschriften: Über die Epochen der neueren Geschichte*. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1942.
- REINHARDT, K. "Nietzsche und die Geschichte". In: *Vermächtnis der Antike. Gesammelte Essays zur Philosophie und Geschichtsschreibung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1960, p. 296-309.
- RICHARDS J. R. *The Romantic Conception of Life: Science and Philosophy in the Age of Goethe*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- RINGER, F. *O Declínio dos Mandarins Alemães: a comunidade acadêmica, 1890-1933*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- SALAGUARDA, J. "Studien zur Zweiten Untzeitgemäßen Betrachtung". In: *Nietzsche-Studien*, n. 12, Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1984.
- SCHILLER. *Goethe Briefwechsel*. Frankfurt-Leipzig: Insel Verlag, 2005.
- SCHLECHTA, K. *Der Fall Nietzsche: Aufsätze und Vorträge*. 2. Auflage. München: Hanser, 1959.

- SCHNÄDELBACH, H. *Filosofia en Alemania (1831-1933)*. Madrid: Ediciones Cátedras, 1991.
- SCHOPENHAUER, A. *Werke in Fünf Bänden*. Zürich: Haffmans Verlag, 1988.
- SOMMER, A. U. “Sieben Thesen zur Geschichtsphilosophie bei Kant und Nietzsche”. In: *Kant und Nietzsche im Widerstreit*, edited by Beatrix Himmelmann (Berlin: Walter de Gruyter), 2005, p. 217-225.
- _____. *Sinnstiftung durch Geschichte? Zur Entstehung spekulativ-universalistischer Geschichtsphilosophie zwischen Bayle und Kant*. Basel: Schwabe & Co., 2006.
- _____. (Hrsg.) *Nietzsche, Philosoph der Kultur(en)?*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2008.
- SOUTHARD, R. *Droysen and the Prussian school of history*. Lexington: The University Press of Kentucky, 1995.
- STEGMAIER, W. “Vom ‘Arzt der Kultur’ zum ‘Arzt und Kranken in einer Person’”. In: SOMMER, Andreas Urs (Hrsg.). *Nietzsche, Philosoph der Kultur(en)?*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2008, p. 11-29.
- VENTURELLI, A. *Kunst, Wissenschaft und Geschichte bei Nietzsche*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2003.
- VIVARELLI, V. “Nietzsche e Goethe und der historischen Sinn”. In: *Centauren-Geburten: Wissenschaft, Kunst und Philosophie beim jungen Nietzsche*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1994, p. 276-291.
- WALTER-BUSCH, E. *Burckhardt und Nietzsche. Im Revolutionszeitalter*, München (Wilhelm Fink Verlag) 2012.
- WOTLING, P. *Nietzsche et le Problème de la Civilization*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- ZUCKERT, C. “Nature, History and Self. Friedrich Nietzsche’s Untimely Considerations”. In: *Nietzsche-Studien*, n. 5 Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1976.

Email: jnnicolao@gmail.com

Recebido: 06/2021

Aprovado: 05/2022